

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO  
ESTRANCEIRO



**ASSIGNATURA**

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porte
Anno ou 24 numeros .....	2\$000	Trimestre ou 6 numeros .... 5050
Semestre ou 12 numeros ....	1\$300	N.º avulso ou pago á entrega 6120
<b>ESTRANCEIRO</b>		
Anno ou 24 numeros .....	3\$000	Semestre ou 12 numeros .... 1\$500

1.º ANNO — VOLUME I — N.º 2  
15 DE JANEIRO 1878

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO  
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA  
Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.



SUA MAGESTADE EL-REI O SENHOR D. LUIZ I DE PORTUGAL (Segundo uma photographia do sr. Oliveira)



## SUMMARIO

TEXTO. — Sua Magestade o senhor D. Luiz I, RAMALHO ORTIGÃO — Visita à Floresta. GUERRA JUNQUEIRO — As nossas gravuras — José de Alencar, por PEREIRA DA SILVA — A expedição geographica portugueza à Africa austral, LUCIANO CORDEIRO — O rei absoluto, BENTO MORENO — Chronica occidental, GUILHERME DE AZEVEDO.

GRAVURAS. — Sua Magestade o senhor D. Luiz I — Sala das sessões da camara dos Pares em Portugal — José de Alencar — O rei absoluto — Enigma.

## SUA MAGESTADE O SENHOR D. LUIZ I

A monarchia, — essa instituição tão perigosa, que bastou ella só, nas mãos de um Carlos V, de um Philippe II, de um Philippe IV e de um Carlos II, para corromper até ao mais intimo do seu heroismo nativo o mais nobre paiz do mundo, a gloriosa patria de Pelagio, do Cid e de Gonçalo de Cordova, — a monarchia, dizemos, foi quasi sempre servido em Portugal por uma raça de bons homens, que nunca, ou quasi nunca, contribuíram com a sua ferocidade pessoal para aprofundar a tenebrosa corrente em que o despotismo catholico submergiu por espaço de dois seculos o brilhante e soberbo espirito da desventurada Peninsula.

Se algum dia na confederação dos estados ibericos, independentes e autonomos, Portugal vier a assumir o predomínio da superioridade moral, essa vantagem sobre os seus vizinhos terá elle de agradecer-a ao espirito de tolerancia infundido nas suas tradições por soberanos que, se não impulsionaram o espirito publico para o aperfeiçoamento politico, também não ultrajaram com os seus actos a consciencia da humanidade.

Os reis portuguezes não provocaram com a accumulção dos seus crimes as represalias da posteridade, — como aquelle imperador que depois de ter esmagado a legitima e heroica insurreição da *Santa Liga*, depois de ter suppliciado D. João de Padilha, o mais sublime campeão das liberdades communaes, dizia cynicamente ás côrtes de 1538: «meus senhores, não lhes peço opiniões, o que lhes peço é dinheiro»; — como aquelle Guzman, vice-rei em Napoles, que se gloriava de não haver deixado nos seus dominios quatro familias em condições de poderem ter um bom jantar; — como aquelle Philippe II, o taciturno do Escorial, que apunhalou a honra da Hespanha, afogando em sangue as côrtes de Aragão, o palladio das justias e das liberdades populares; — como aquelle Philippe IV, o inepto, que era ao mesmo tempo o pae da Igreja e o de trinta e dois bastardos; — como aquelle Carlos II, o mais sanguinario dos imbecis, que assiste durante quatorze horas ininterrompidas, sem comer, nem beber, cheio de fervor e de convicção, ao supplicio de vinte e um judeus, entre os quaes uma rapariga de dezeseis annos, publicamente queimados a fogo lento; — como tantos outros finalmente, que obrigaram os proprios papas Xisto IV, Leão X e Innocencio X, a reprimirem em Hespanha os excessos da Inquisição, *creada para o serviço de Deus e de suas altezas*, e convertida pelo despotismo monarchico em policia dos reis.

A monarchia portugueza nunca se manchou com essas nodos in-deleveis que estamparam o opprobrio em muitas gerações e deixaram na historia o rastro negro, tantas vezes trilhado n'um retrocesso lamentavel pelas perturbações da vingança.

O actual soberano, o sr. D. Luiz I, tem sabido manter como poucos a tradição dynastica da brandura. Como funcionario publico pôde ter, e tem certamente muitos adversarios, mas não tem um inimigo.

Madame de Sevigné dizia que Luiz XIV era um grande rei, depois de ter dançado com elle um minuete. O que escreve estas linhas não dançou nunca nem está resolvido a dançar jámais no palacio. O seu voto n'este caso é menos litterario, mas é também menos suspeito que o de madame de Sevigné.

Não consideramos el-rei um grande rei, porque nas transformações por que tem passado o criterio e o vocabulario desde Luiz XIV até hoje, grandeza e realza são expressões antinomicas. Só são grandes ou pequenos os tyrannos. Os reis liberaes têm a altura prefixa do nivel social em que fluctuam. Sair d'esse nivel para actuar na sociedade, ainda que no mais louvavel intuito de fazer a *felicidade dos povos*, é exercer o despotismo. Só ha um poder que tem o direito de consagrar-se á felicidade publica: é o poder scientifico, espalhando idéas que lentamente passarão dos espiritos para as consciencias, e das consciencias para as instituições. A felicidade imposta por outros methodos é odiosa. A felicidade pelo governo deu Carlos IX e a carnificina dos Huguenotes. A felicidade pela religião deu Ignacio de Loyola e as fogueiras da Hespanha e da Flandres. A felicidade pela revolução deu Robespierre e o assassinato da liberdade na pessoa de Danton.

O que podemos dizer de sua magestade para honra d'elle é ventura nossa, não é pois que é um grande rei, mas que é um rei perfeito.

O seu temperamento é precisamente o que convém aos soberanos constitucionaes: o temperamento dos condescendentes.

A sua educação não é de um philosopho. A philosophia dar-lhe-hia um systema, um methodo, um ponto de vista pessoal que alguma vez seria incompativel com a maneira de vêr do sr. marquez d'Avila, do sr. Braamcamp ou do sr. Fontes Pereira de Mello. A educação de sua magestade é a de um *gentleman*. Falla seis ou sete linguas, é bom musico, desenha espirituosamente, joga as armas, monta a cavallo, guia, governa bem um hiate, valsa com elegancia, cultiva a caça, a pesca, a navegação, todas as prendas do *sport*; tem conversação, tem maneiras, tem ar. É affavel, compadecido, liberal, generoso. De resto

é ainda o unico democrata da sua côrte, na qual as vontades de dois monarchas reforçados com um exercito permanente, com varios canhões modernos, e com um corpo supplementar de archeiros, não conseguiram ainda abolir inteiramente a cerimonia fetichista do beijamão!

O Cid campeador dizia:

Por besar mano de rey  
No me tengo por honrado;  
Porque la besò mi padre  
Me tengo por afrentado.

Os actuaes campeadores de palacio não são d'esta opinião, e acham insubstituivel o antigo uso de affirmarem a sua dedicacão á corôa e á dynastia por meio de um côro de beijos, como no *Barba Azul*.

Recentemente ainda, no banquete inaugural da ponte sobre o Douro, a familia real, cercada da sua côrte, jantou no meio da mais ruidosa concorrência de convivas de todas as côres politicas mais carregadas, desde o vermelho reventa-reis até ao vermelho estoira-papas. Nunca se viria em palacio um tal menospresô das formulas pautadas pela etiqueta e pela pragmatica! Os aulicos, pallidos de assombro por tão manifesta irreverencia, por tão pungente vexame, não atinavam em levar á bocca o bocado, e os seus dentes, rangendo de legitimo e nobre despeito, mastigavam fel em vez de mastigar o peru.

Sómente el-rei, burguezmente sentado ao lado da sua mulher, no meio dos seus filhos, sem uniforme, sem condecorações, sem preconceitos, comia alegremente com um appetite de proletario e bebia sem reservas por um bom copo cheio, na mais perfeita plenitude de um estomago convicto e de um coração honrado. E quando, depois do café, elle se retirou com o seu charuto nos beiços, o seu chapéu alto na mão; a sua mulher pelo braço, todos os vermelhos acima alludidos, abriram benevolamente caminhu para o deixarem passar entre sympathias que nenhum outro rei na Europa pôde hoje lisongear-se de possuir tão legitimamente como elle. Guardado unicamente, e unicamente defendido pela sua propria bondade, pôde-se-lhe dizer como Sá de Miranda a D. João III:

Com duas canas deante  
His amado e his temido.

Profundamente respeitador da soberania popular e da representacão nacional, sua magestade não praticou no seu reinado senão um unico acto de poder pessoal: — a traducção do *Hamlet*. Esse acto perdoaram-lhe todos os seus subditos e os seus criticos. Para os primeiros o livro de sua magestade representava da parte d'el-rei um modo de honrar o trabalho, exercendo-o, e de honrar um grande artista, traduzindo-o. Para os segundos a regia traducção era um symptoma apreciavel da influencia do habito nas aptidões dos individuos. Quando a irmã de Luiz XV foi para freira, contava ella a madame de Genlis que o que mais lhe custava na vida monachal era descer sósinha a escada do dormitorio. Esse medonho precipicio causava-lhe horror, e ella, que nunca descera em sua vida senão a escadaria de Versailles, rodeada pelos seus pagens e apoiada ao braço do seu cavalheiro, só conseguia descer a escada do convento, deixando-se escorregar, sentada, de degrau em degrau. Sua magestade, habituado ao estylo altiloquo das felicitações, dos relatorios officiaes e dos discursos da corôa, não poderia percorrer a distancia que vae d'essas alturas ás profundidades da arte, sem sentir as vertigens de madame Louise no convento das Carmelitas. Os degraus que medeiam entre o *Diario do Governo* e a obra de Shakspeare, desceu-os sua magestade sentado, — mas desceu-os bem.

RAMALHO ORTIGÃO.

## VISITA Á FLORESTA

Que frescura, meu Deus, e que deslumbramento!

Sancho Pança, vae pôr a albarda ao teu jumento,  
E conduze-o depressa aqui para eu montar.  
Embebada-me o azul, o ceo, a terra, o mar!

Descalcem-me o coturno heroico da epopeia.  
Não sei que cotovia olimpica gorgeia  
Dentro de mim; não sei que hilaridade é esta!...  
Satura-me o vigor profundo da floresta,  
E debaixo do azul purissimo, sem nuvens  
Sinto-me transbordar, como um titan de Rubens,  
N'uma explosão de força atletica, purpurea!  
Entra-me nos pulmões a latejar com furia  
Este excesso de vida immensa que atordôa!...

Dae-me um thyrsos virente e uma merenda boa  
E entremos afinal nas solidões da mata.  
Leva-me tu, Virgilio, o burro pela arreata.  
O' bosque, ha quanto tempo aqui não tinhas estado!  
Então como vae tu? como é que tens passado?  
Oh! deixa-me abraçar o grande castanheiro!



Não te lembras de mim? Eu sou Guerra Junqueiro,  
 Meu amigo... olha bem... Já te não lembras, não!  
 Ha que annos que isso foi, meu velho! Eu era então  
 Um diabrete, o maior de todos os madraços,  
 Que aqui vinha saltar, brincar, trepar-te aos braços,  
 Roubar-te — ladrão angelico, infantil —  
 As castanhas no inverno e os ninhos em abril.  
 Vingavas-te de mim rasgando-me os calções,  
 E fazendo-me dar ás vezes trambulhões,  
 Que o mestre me curava então com palmatoadas.

.....  
 .....  
 Como o sol entra aqui a rir ás gargalhadas,  
 E como a natureza é virginal e é pura!  
 Eu sinto uma effusão ingenua de ternura...  
 Como isto dá saúde e moralisa a gente!  
 Quasi que chego a ter os extasis d'um crente.

Dá-me vontade de ir subindo essas encostas  
 Ajoelhado, a beijar a terra de mãos postas!

Eu quizera enroscar-me aos robles como a hera,  
 Ser perfume no lirio e ser vigor na fera,  
 Desfazer-me, diluir-me em luz, em ar, em cores,  
 Semear-me e nascer todo o meu corpo em flores,  
 Com as aguias voar no oceano do infinito,  
 Ser tronco, ser reptil, ser musgo, ser granito,  
 De fórma que eu andasse em atomos disperso  
 No ceo, no mar, na luz, na terra — no universo!...

.....  
 Entre este fecundar de seivas luxuriantes,  
 Entre a vida brutal das arvores gigantes  
 Levantando ao azul os pulsos seculares,  
 Entre as vegetações frescas de nenufares,  
 De catos, de jasmims, de silvas, de roseiras,  
 De serpentes em flor — isto é, de trepadeiras,  
 A crescer, a romper da terra funda, escura,  
 Debaixo d'esta rica egreja de verdura,  
 Furada por a luz cruel do sol faminto,  
 Ó natureza, ó terra, ó minha mãe! eu sinto,  
 Sinto bem que nasci do teu enorme flanco,  
 E que o homem e o tigre e o cedro e o lirio branco  
 São filhos a quem dás de mamar no teu seio  
 Eternamente bom e eternamente cheio!

GUERRA JUNQUEIRO.

## AS NOSSAS GRAVURAS

SALA DAS SESSÕES DA CAMARA DOS PARES

É extremamente elegante a construcção representada na nossa gravura.

Foi na sessão legislativa de 1863 que a camara das Pares reconhecendo a necessidade d'alargar e reconstruir a sala das suas sessões, elegeu d'entre os seus membros uma commissão para dirigir e levar a effeito a obra.

Esta commissão delegou mais tarde os poderes de que se achava revestida n'um dos seus membros, o Marquez de Niza, afim d'este dirigir a obra, continuando porém a commissão a fiscalisar e a superintender.

Designado o local da antiga e acanhada sala no velho edificio de S. Bento, séde do parlamento portuguez, para ali se erguer a nova construcção, deu-se começo á obra em 1864, pela demolição da sala antiga.

No dia 3 de janeiro de 1867 achava-se concluida a obra, e desde esse dia começava ali a funcionar a camara alta.

A sala é de fórma semi-circular. O tecto assenta sobre vinte e duas elegantes columnas de marmore nacional. Tanto o pavimento da sala como o dos corredores é marchetado de madeira de carvalho do norte e de pau setim amarello. A sala tem duas ordens de galerias e as cadeiras dos pares estão collocadas em amphitheatro, frente á da presidencia.

Ao artista Borges coube a perfeita execução dos tectos e das vistosas e vastas galerias. O distincto esculptor Calmels fez o desenho das grandiosas figuras esculpidas em madeira que ladeiam o retabulo aonde está collocado o retrato do chefe do estado.

Estas figuras foram executadas pelo habil entalhador Leandro da Silva Braga, e fazem honra á pericia do artista. O retrato do monarcha é devido ao pincel do distincto pintor José Rodrigues.

O custo da nova sala, segundo a auctorisação concedida ao governo

pela lei de 23 de julho de 1864, devia ser de 60 contos de réis. Em maio de 1865 já se haviam porém gasto 120 contos, estando a obra longe da sua conclusão. A importancia total despendida pelo estado, não consta até hoje de nenhum documento official conhecido do publico.

A camara alta portugueza está pois alojada n'uma bella sala, de certo muito mais moderna do que o espirito que predomina na instituição, como é reconhecido pela maioria dos seus mais illustres membros, que ha muito pensam em levar a cabo uma reforma que harmonise mais aquelle corpo do estado com as tendencias do nosso tempo.

JOSÉ DE ALENCAR

Era dos mais illustres filhos do Brazil o conselheiro José Martiniano de Alencar.

Natural da provincia do Ceará, onde nascera a 1 de maio de 1829, conferiu-lhe, aos 22 annos, a faculdade de Direito de Olinda, o grau de bacharel em sciencias sociaes e juridicas, tendo-se consagrado, desde então, o illustre escriptor, á profissão da advocacia.

No Rio de Janeiro tanto se avantajou n'ella, que foi nomeado consultor do ministerio da justiça, e distinguu-se então por consultas luminosas que attestavam a sua alta proficiencia e justeza de observação.

Trabalhador infatigavel, servindo como advogado, numerosa clientela, dirigindo a cadeira de direito mercantil no Instituto Commercial, consagrou sempre as suas horas vagas á litteratura, e conquistou o primeiro logar entre a numerosa e brilhante pleiade de escriptores, que surgiu n'aquelle paiz, capitaneada por Teixeira de Sousa e Manuel de Almeida, depressa roubados tambem ás esperanças da patria.

A *Providencia*, do primeiro, e as *Memorias de um sargento de milicias*, do segundo, narrativas historicas, perpetuando os usos e costumes dos tempos coloniaes, assim como em seguida *As tardes de um pintor*, não tiveram depois competidores mais graduados do que *O Gaucho*, *O Guarany* e *As Minas de Prata*, romances a que imprimiu José de Alencar feição nova e caracteristica, accentuando n'elles poeticamente o cunho brasileiro pela fidelidade das descrições, e nos dois ultimos pela delicada observação dos esplendores da natureza.

No *Guarany*, principalmente, cuja accção se passa no tempo dos primitivos dominadores do Rio de Janeiro, e no qual avulta a figura grandiosa de D. Antonio de Mariz, fidalgo portuguez, refugiado em meio de florestas e montanhas povoadas de indios selvagens, preferindo lutar com elles constantemente, até morrer fiel ás tradições de seus maiores, a participar dos regalos de uma corte que abjurou d'ellas, — no *Guarany*, dizemos, é para admirar a habilidade com que disputam primazias os fóros cavalheirosos da velha fidalguia portugueza, e essa outra grandeza, tambem nobre, mas selvatica, do valor e da lealdade, que são os caracteristicos das raças indigenas do Brazil, sem que nunca sobrepuje uma á outra, mas se honrem ambas; salvos, comtudo, a ascendencia da raça civilisada e os privilegios da educação.

Romancista fecundo, deixou ainda José de Alencar brilhantes attestados do seu talento nos formosos livros, populares no Brazil, a que deu por titulos *A Viuvinha*, *Cinco minutos*, *Diva*, *Luciola*, *Iracema*, *A Pata da Gazella*, *Til*, *O Garatuja*, *Senhora*, e muitos outros, todos fieis á mesma tendencia de nacionalisar a lingua, dando cunho e feição especiaes á litteratura do seu paiz.

Enriqueceu o theatro com os dramas realistas *O Jesuita e Mãe*, co-rodado este de immenso applauso, e por ventura conhecido nos dois continentes; escreveu as comedias de costumes *O demonio familiar*, *As azas de um anjo*, *O Rio de Janeiro verso e reverso*, e outras, em que o espirito de observação anda sempre alliado á elegancia da phrase e primores de imaginação.

Tomou sempre parte activa na imprensa do paiz e na politica, da qual conseguiu tornar-se um dos vultos mais notaveis. Depois de colaborar nos primeiros jornaes da capital, tendo dirigido por algum tempo o *Diario do Rio de Janeiro*, fundou depois *O 16 de Julho*, jornal politico, exclusivamente consagrado á sustentação das idéas conservadoras e de ordem.

Escreveu no *Correio Mercantil* uma série brilhante de folhetins, sob o titulo *Ao correr da penna*, e que formam hoje um bello volume. Sobre critica litteraria deixou-nos tambem trabalhos importantes.

Foi deputado em diversas legislaturas, e um dos oradores mais brilhantes e auctorizados do parlamento brasileiro.

Foi o auctor das *Cartas de Erasmo*, pamphleto politico dirigido ao imperador, e tão fortemente incisivo, e tão cruelmente logico, que bastaria a produzir uma revolução na sociedade, se a opinião publica, em certos paizes, não fosse mera ficção, quando escapa de ser um sophisma legal.

Character austero e honrado, assignalou a sua administração, como membro do ministerio de 16 de julho, por actos de severidade e justiça; e demittindo-se dos conselhos da corôa para se declarar em opposição ao proprio governo de que fizera parte, denunciou na camara com eloquencia e energia o poder pessoal, e a tendencia fatal da corôa, procurando invadir e absorver a independencia dos demais poderes.

Rara virtude, como é, essa da coragem civica, isola sempre aquelles que distingue; ficou por isso em unidade o valente orador, que não fraqueou ainda assim, mas deixou nos annaes do parlamento brasileiro, ao lado de brilhantes exemplos de eloquencia, muitas verdades amargas, e muitos golpes fundos nos excessos do poder.

Eleito senador por sua provincia natal, a escolha imperial, sem-



# PARLAMENTO PORTUGUEZ



J. DANTAS E C. BORDALLO

ALBERTO

SALA DAS SESSÕES DA CAMARA DOS DIGNOS PARES

NAÇÃO PORTUGUEZA (Segundo uma photographia de sr. F. Roeh'ni)



pre logica a seu modo, foi recahir sobre outrem, excluindo da camara tão notavel cidadão.

Do logar de honra, porém, que conquistou na historia, e da gratidão e saudade de seus patricios é que não poderão excluir a sua memoria, nem os despeitos do throno, nem as vaidades da cõrte.

Tendo-se finado o conselheiro Alencar, no Rio de Janeiro, em 13 de dezembro ultimo, e honrando delicadamente o OCCIDENTE os seus meritos, dando ao retrato do escriptor logar distincto nas suas paginas, foi-me conferida a honra de escrever estas linhas, pobre homenagem, mas bem d'alma e verdadeira.

Separado em vida das relações do conselheiro Alencar, adversario declarado de suas idéas politicas, não é suspeita a saudade com que hoje se aproxima de seu tumulo o mais humilde de seus patricios.

Lisboa, 13 de Janeiro de 1878.

L. J. PEREIRA DA SILVA.

#### O REI ABSOLUTO

O nosso collaborador Manuel de Macedo, traçou sobre o singelo e gracioso conto de Bento Moreno, de que hoje damos a conclusão, a vinheta gravada hoje na nossa ultima pagina. É o complemento da miniatura feita á penna por Bento Moreno, pseudonymo d'um medico distincto e d'um elegante e profundo observador, que em breve nos dará, por certo, reunidas n'um novo e elegante volume, algumas d'essas narrativas tão bem estudadas da *Comedia do Campo*, em que já affirmou a sua reputação de romancista eminentemente moderno.

## A EXPEDIÇÃO GEOGRAPHICA PORTUGUEZA

### Á AFRICA AUSTRAL

#### II

De resto, era uma velha ambição, n'elle, a de poder metter-se ao sertão mysterioso e hostil.

Quando estivera em Moçambique dissera-lhe uma vez um allemão que por lá andava na aventura das excursões sertanejas:

— « Venha d'ahi. Eu encarrego-me de tudo, traga a espingarda e vamos dar um passeio. »

No dia aprasado pozeram-se a caminho.

Serpa, além da espingarda, levava... o fato que vestira. O allemão incumbira-se de tudo, e de feito, adiante d'elles marchava uma fila de carregadores. Em certo ponto pararam para descansar.

O allemão mandou aproximar um dos fardos, abriu-o e tirou uma garrafa de cognac.

Serpa prepara-se para uma refeição esplendida.

Não tinham logrado caçar cousa alguma na longa caminhada, e o appetite era devorador.

Chegára a hora das expansões.

— Ora vamos então a ver o que trás você n'essas cargas, — disse elle para o fleumatico companheiro.

— Ah, não tenha receio, meu amigo; — respondeu o allemão, — cognac não ha de faltar-nos!

Era tudo o que elle pozera á cabeça dos negros.

Oh pouco menos.

Havia ainda algum quinino, um ou outro instrumento de observação, varios objectos para preparação de exemplares zoologicos ou botanicos, um certo numero, enfim, de cousas muito respeitaveis quando a fome não aperta comnosco.

Andaram por lá algum tempo.

Como era natural, a zoologia sertaneja pagou maior tributo aos estomagos do que aos museus, e quando regressaram, Serpa viu com espanto, que não podia despir a camisa pelo simples facto de que a pobresinha desaparecera, deixando apenas de si a memoria d'alguns desconsolados farrapos.

Na commissão do ministerio da marinha, contou elle com muita graça como tendo obtido uma portaria, — creio que do sr. Latino Coelho, — para que certas auctoridades ultramarinas o coadjuvassem n'uma exploração que projectava, estas sabias auctoridades, necessariamente parentas d'outras que ha aqui, ao pé da porta, se riram da portaria e chamaram « tolo » ao explorador, não lhe facultando os meios d'elle poder levar por diante a sua idéa.

Mas não conseguiram tirar-lh'a da cabeça, como veremos.

O outro explorador que partia no *Zaire*, era Hermenegildo de Brito Capello, recentemente promovido a capitão-tenente da armada, tendo sido feito guarda-marinha em 26 de setembro de 1860; irmão d'aquelles modestissimos sabios que toda a gente conhece e festeja, — os Capellos, — da Escola, Polytechnica, — e cujos trabalhos hão ser dos melhores documentos com que a sciencia portugueza de hoje poderá testificar um dia perante a historia dos esforços e das conquistas intellectuaes, o seu direito de cidade, ou antes a sua continuidade opulenta e honrada.

Hermenegildo de Brito Capello, tem a calvicie prematura dos pensadores.

Estatura regular e reforçada; physionomia branda e sympathica; retrahimento natural e modesto no porte; rapaz de poucas palavras,

cheio de timidez e de bondosa isenção no convívio social e publico; alegre na intimidade, Capello, que é um homem do mar ás direitas, official de marinha distinctissimo, e tão querido quanto respeitado na classe, tem creado, sem o saber, sem pensar n'isso, sem se importar com isso, a fama d'uma coragem singular, ingenua, serena, admiravel, a par da de uma larga sciencia e d'um judicioso criterio. É o poder moderador da expedição, como dizia o sr. dr. Barbosa do Bocage, com tanta felicidade.

Serpa Pinto tem por elle uma veneração affectuosa e profunda.

Tenho documentos que o provariam exuberantemente, se fosse necessario.

Roberto Ivens, é-lhe dedicado como um filho extremoso e bom.

Quando se pensava em organizar duas expedições, dizia-me Serpa Pinto:

— « Dêem-nos a mais arriscada, aos tres. O Capello não vac sem o Ivens. Conhece-o e sabe que pôde contar com elle. Eu, só irei, indo o Capello. Conheço-o e sei immenso o que vale. »

É um dos lados sympathicos d'este formoso grupo de rapazes ouzados e briosos.

E um dos melhores auspicios da expedição.

Indoles diversas, aptidões varias, feições perfeitamente distinctas, conheceram-se e estimaram-se. Completam-se umas pelas outras.

É ver como nenhum quiz ser chefe e como os mais graduados, já que não podiam supprimir a distincção official, exigiram a egualdade de condições e de direitos.

Quando o ministro e nós os da commissão do governo, lhes perguntámos qual d'elles teria o commando da expedição, responderam:

— « Nós cá nos entenderemos. Não tenham receios. Commandaremos todos. »

E note-se que Ivens estava ausente e que era um simples tenente, enquanto que um era major e outro punha correspondentes galões na farda da armada real.

Houve quem notasse, que Brito Capello, n'aquella solemne sessão de despedida da Sociedade Geographica não erguesse alto a voz para a juntar á do companheiro.

Mas é que Capello não falla em publico. Não pôde. Diz elle que não sabe, mas não é. Como porém cre que não sabe não falla. É uma especie de tradição de familia. Os irmãos são assim tambem. Hão de elles admirar-se de que eu os conheça tão bem, não convivendo com elles. Pois conheço-os, que por mais modestos que sejam não pôdem furtar-se a que muitos olhos sympathicos lhes sigam e observem as brilhantes individualidades.

E depois, elle estava profundamente commovido e ha eloquencias mudas. É uma questão de temperamento.

Ao receber do nosso illustre e respeitavel presidente, a bandeira, da nação, que lhes ia ser a elle e aos seus companheiros saudade e estimulo na longinqua e dura campanha, que rebates de fundo patriotismo e de energica vontade lhe daria o coração afeito a arrostar com a morte sob a gloriosa signa da patria!

LUCIANO CORDEIRO.

## O REI ABSOLUTO

POR

BENTO MORENO

(Conclusão)

Entrando, observou com intrepidez, com supremacia indiscutivel os retratos e as gravuras que estavam pendentes das paredes. Sustentou um olhar de soberba, com a estatueta de *biscuit* que representava Christovão Colombo com o mundo na mão esquerda, e reparou com desdem altivo n'outra d'um velho general do *primeiro imperio* que estava altivo e arrogante com o seu chapéu embicado, com os seus fartos bigodes marciaes, com a sua espada invencivel. O pequeno Emilio, vendo casualmente, o seu pequeno rosto cheio de severidade, no espelho da parede, não se perturbou, não sorriu, não teve medo, antes o carregou intelligentemente com sobrececho, conservando-se firme, auctoritario e cruel.

Viu, proximo á varanda, a cadeira de braços, onde *seu papá*, depois de jantar lia o jornal, e, tomando a chavena de café, adormecia recostado. Tinha-o contemplado muitas vezes, — o seu grave aspecto paternal, apparentava uma curvatura desleixada, tendo a cabeça caída para o seio e resonando com gravidade, com estrondo. Esse quadro simples impressionara-o nitidamente, deixando-lhe o desejo de ler o jornal, assim recostado na cadeira como seu pae. O momento era opportuno, elle estava sósinho na sala, ninguem o poderia impedir... Fechou, preventivamente, com todas as cautelas d'um malvado, d'um pequeno facinoroso consciente, a porta do corredor e reconheceu que podia realisar com felicidade esta ambição temeraria.

Primeiro reflectiu um instante porque ouviu tossir a *mamá* que estava no quarto proximo. Porém como passados momentos tudo recahiu n'um socego favoravel, elle dirigiu-se á cadeira e, para subir, agarrou-se tenazmente, com esforço, lançando primeiro a perna esquerda e ouvindo-se-lhe, quando chegou a cima, uma respiração de cansado.

Sentou-se recostando-se com orgulho, penetrado da sua importancia fortuita. Fingiu que lia o jornal movendo os beiços como seu pae,



revirando os olhos caprichosamente, e, dando á cabeça uns movimentos lateraes apropriados. Afinal, para completar o quadro, deixou cair com desleixo o papel, entrando resolutamente no periodo do somno digestivo de seu pae, fingindo um resonar altivo, cheio de insolencia.

Esteve assim algum tempo, porém, não lhe consentindo as impaciencias naturaes o demorar-se muito, levantou-se na cadeira, descendo em seguida para o chão. A um lado, sobre uma pequena mesa estava a bengala e o chapéu do papá. Dirigiu-se intrepidamente a estes objectos respeitadas para os possuir. Poz o chapéu na cabeça, pegou na bengala pelo castão de velho marfim defumado, e desejou passear ao longo da sala com porte altivo, com importancia natural. Mas o chapéu enterrou-se-lhe até aos hombros e quando pretendeu dar largas passadas d'homem encostado á bengala, tropeçou e caiu de bruços.

Então levantou-se zangado, nervoso, vermelho de colera e retomou o aspecto de seu pae, imponente e auctoritario. Principiou a andar no comprimento da sala com o corpo direito, a cabeça alta e o braço esforcadamente levantado para agarrar no castão da bengala.

Depois lembrou-se de exercer a sua auctoridade incontestada, o poderio absoluto de que se achava possuido em todos os objectos que ali estavam — lembrou-se de tombar as cadeiras, quebrar os vidros, atirar abaixo aquelles homens. E os seus grandes olhos energicos fixaram-se com arreganhão, com supremacia, com altivez sobranceira nas estatuetas que estavam em frente da janella sobre a pequena mesa. O velho militar, com todo o seu conjuncto marcial, a espada triumphante, os bigodes magestosos, as rugas severas, acovardou-o, obrigando-o a baixar ligeiramente os olhos e a reflectir durante momentos. Porém Christovão Colombo com o seu rosto suave d'uma bravura serena e consciante, não o intimidou e por isso Emilio o fixou com mais confiança, com menos susto. E como o descobridor da America tinha na mão esquerda uma bola na qual apontava resolutamente com um ligeiro sorriso d'inspirado um ponto com o dedo, o pequeno para se metter com elle, fez-lhe este pedido exigente:

— Dás-me essa cousa?

Christovão Colombo não teve logo uma resposta favoravel. Emilio repetiu imperiosamente:

— Dás ou não dás? Olha que tu...

E fez-lhe um arremço significativo com a bengala.

Porém o silencio do possuidor da bola continuou-se, e o pequeno achando-o desprezador do seu poder, pareceu-lhe um silencio provocante. Por isso o olhou com mais firmeza, com mais intimativa, e para o castigar, como seu pae lhe fazia a elle proprio ás vezes, disse energicamente:

— Então vae lá para dentro.

Esperou ser obedecido com promptidão; por isso conservava n'uma attitudo ameaçadora a bengala paternal agarrada pelo castão. E com voz mais alta e decisiva affirmou pela ultima vez:

— Não vaes? Arramo-te.

Christovão Colombo não obedeceu. Oppunha a resistencia passiva de um ser inanimado. O pequeno Emilio vingou-se d'aquella immobilidade insoffrivel atirando-lhe á cabeça, com a bengala homicida. A estatueta cahiu no chão quebrando-se com estrondo. A cabeça, os braços, a bola separaram-se, e o pequeno facinora ficou a olhar para aquelle destroço, com um sentimento de vingança satisfeita.

Porém a mãe de Emilio, que estava no quarto proximo, ouvindo este barulho, correu á sala para averiguar o que seria. Vendo a estatueta quebrada e seu filho encostado á bengala n'um aspecto arrogante, exclamou para o intimidar:

— Ah! maroto que ali vem o papá.

Emilio respondeu sereno, imperturbavel, com segurança:

— Ora!... *tamen* sou papá.

BENTO MORENO.

## CHRONICA OCCIDENTAL

O bello sol de Deus tem nos ultimos tempos caído sobre nós com o esplendor d'uma abundante e refulgente chuva d'oiro. Ha violetas cheias de modestia, camelias cheias de candura em cima do balcão da Casa Havaneza, e reflexos cheios de suavidade sobre a superficie espolhada do Tejo.

Quer porém o destino que um raio de sol traga sempre suspenso por um fio d'oiro o raio das tormentas, de maneira que de dias a dias um doce orvalho do céu, caído sobre o Chiado com a pertinacia d'uma calamidade, transforma a elegante *via dolorosa* dos que pucham ao carro da moda, e dos que pucham o *omnibus* do Rato, n'um immenso pantano aonde se deve ter gerado a livida flôr da anemia que, recurvada na haste, se embala no Passeio Publico ao som da musica, banhada pelo sol dos dias santificados!

Oh, lamas do Chiado, oh, lamas do bom tom,  
Eu quizera fazer-te um bello poema com  
A verve de Musset e o rir de Gavarni!

Dizia uma vez Guerra Junqueiro n'um d'esses arrojados de phantasia que constituem a grandeza da sua musa gloriosa, soltando um grito supremo que, devemos crer, foi religiosamente escutado pela camara municipal, tanta é a veneração com que ella guarda a lama do Chiado n'estes dias de tristeza em que a cidade recolhe o espirito na meditação e os pés na gutta-percha!

A lama do Chiado chega mesmo a ser a unica qualidade profunda que Lisboa possui n'esta quadra do anno, e a chronica sem querer metter galaxa profana n'aquella abysmo, ousa affirmar que se Paris dá á moderna corrente das idéas grandes factos e grandes affirmações, Lisboa pôde competir com a capital do mundo civilizado, n'essas lamas excepcionaes que já deram as *nuances* d'uma côr aos caprichos da moda.

Como centro de corrupção mundana, nada ha entretanto mais innocente e mais candido do que essa rua que tem no alto tres egrejas como sentinellas vigilantes da virtude lisbonense!

A par dos perfumes mais ou menos elegantes, é-nos facil assim respirar no Chiado o mystico aroma do incenso como antidoto contra as voluptuosidades produzidas pelo cheiro das rosas. De resto a logica dos correctivos está de tal forma introduzida nos nossos costumes, que a propria *bouquetière* portugueza tem, contra as tentações libertinas, o aspecto singelamente patibular d'um assassino de profissão, parecendo offerecer-nos, com o sorriso amavel dos sicarios, á porta dos cafés e nos peristylos dos theatros, estas duas cousas ao mesmo tempo, — violetas e facadas.

Por isso quando uma *Isabel* nacional passa junto de nós e nos atira com um pequenino *bouquet*, sentimos um invencivel desejo de correspondermos a esta amabilidade, atirando-lhe uma bengalada.

Não levemos porém os nossos instinctos de modernismo até ao ponto de exigirmos que as ramilleteiras nacionaes se escauhoem antes de entrarem no salão de S. Carlos. A força da sua virtude reside exactamente nas barbas, e seria uma crueldade impôr-lhes que ellas rapassem este ponto de similhaça, que as aproxima de Sansão — no Godfroy.

— O Chiado continúa todavia a gozar a fama de ser a nossa rua elegante e libertina por excellencia. É talvez por esse boato ter corrido com insistencia demasiada na rua Nova da Palma, que a companhia d'opera comica franceza deliberou abandonar aquella localidade, e transportar-se com a sua singela bagagem offenbachiana para o centro do ruido, estabelecendo no Gymnasio as suas gargantas aventureiras.

Em abono da nossa velha educação sentimental, ousamos todavia suppôr que a musa travessa e petulante de Offenbach e de Le Coq deu talvez um passo errado. O Alto das duas egrejas nutre ha muitos annos uma velha paixão romantica pelas melodias dissolventes da musica italiana, e jámais poderá esquecer-se dos bellos tenores antigos que, á hora da despedida, em troca do habito de Christo, lhe tecem enviado um *adeus* sentido, e das primas-donas inspiradas que tem visto passar, amparadas ao barytono, limpando as lagrimas de crystal com um pequenino lenço de rendas, cantando uma *saudade* commovedora composta expressamente por um bardo da geral, para este trance cruel!

Oxalá todavia que a nova musa dos *maestrinos* consiga vencer a nobre musa de Verdi e de Donizetti. Uma sociedade educada no *cancan* pôde valer mais do que uma educada nas *romanzas*. O *cancan* é a *Marselheza* da ironia petulante, da bella e franca gargalhada gauleza. A velha *romanza* italiana em que S. Carlos está educando uma geração, não passa d'um triste *de profundis* de todos os impetos nobres, de todas as audacias supremas com que o caracter do homem se deve affirmar do nosso tempo.

Paris, apezar de dançar o *cancan*, faz todos os dias uma nova conquista no mundo dos factos e no mundo do pensamento. Lisboa — apezar de o não dançar, apenas consegue conquistar os corações d'algumas meninas sentimentaes, á hora da missa, e ao som da musica no Passeio Publico.

É para vencer, talvez, as resistencias d'esta velha virtude convencional, que ha pouco dias o paquete nos trouxe uma nova estrella do ceu da opereta, d'um brilho que Lisboa ainda não tinha fectado, e d'um tamanho que ainda não tinha medido.

Essa estrella que os cartazes designam sob o nome de M.<sup>lle</sup> Paulini Luigine, estreou-se ha pouco nos Recreios. Adivinhando já talvez as nossas predilecções, disfarça-se com um nome italiano, mas quem a ouve e quem a vê, conhece logo que é franceza. Resta saber a profundidade do sulco que este astro passageiro deixará no espirito da sociedade portugueza.

## ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Arrancam das espadas de aço fino,  
Os que por bom tal feito ali apregoum.



— Apenas são decorridos alguns dias do anno de 1878, entretanto é já grande a messe de nomes illustres ceifada pela morte na ceara humana.

Em Lisboa succumbiu um luctador distincto, um professor notavel; Augusto Soromenho, escriptor que possuía todas as aptidões do sabio, inclusivê, um pouco, a negação das qualidades artisticas que prejudicam um tanto ou quanto o estudioso. Como trabalhador convicto e tenaz, e intelligencia notavel, a nossa historia litteraria contemporanea deve-lhe, por certo, um desenvolvido capitulo.

O rei galantuomo morreu. Victor Mannel, o forte, desce ao tumulo antes de Pio IX, o illustre e pertinaz moribundo, que tem de ser collocado em frente do rei athleta na galeria das celebridades do seculo XIX!

Era um valente e democrata rei, aquelle que acaba de descer á campa, ferido por uma pneumonia n'uma caçada, como um leão ferido cobardemente por uma bala n'uma montaria.

Collaborador intelligente de Cavour na obra da unificação da Italia, compreendendo perfeitamente o seu momento historico, ainda ha poucos dias apertára franca e lealmente a mão de Gambetta, chamando ao mesmo tempo para o seu lado um ministerio em que entravam pelo menos tres garibaldinos confessos.

Serviu valentemente as idéas modernas, e lega á Italia uma grande obra e, talvez, um herdeiro fraco de mais para empunhar um sceptro tão pesado.

Veremos em breve o uso que a joven Italia faz d'esta gloriosa herança, ainda talvez por liquidar.

Em França succumbem, quasi no mesmo dia, Gustavo Courbet, um grande pintor, e Raspail, um grande sabio e um nobre democrata. Depois de servirem ambos a causa da fraternidade e da egualdade humana, um com a palheta e o outro com a penna e com a palavra, e ainda mais com a sua nobre dedicação e com o seu immaculado caracter — vão ambos repousar nos sarcophagos que hão de merecer por certo as consagrações da historia e o respeito dos vindouros.

Courbet, o colorista violento, o realista audaz, deixa a sua reputação apregoada, mais do que n'uma pagina de Proudhon, n'esses bellos quadros outr'ora contestados e já hoje victoriosos, que se chamam *O Britador de pedra*, *O enterro do pobre*, *A saída das conferencias*, *A Venus do seculo XIX*, *As donzellas do Sena*, e tantos outros em que se afirma a pujança d'um verdadeiro talento de combate.

O fetichismo da arte levou um dia o grande pintor a fazer-se inspector das bellas artes no tempo da Communa, com o fim expresso de derrubar a columna Vendôme, feita de gloria e de bronze, segundo a phrase do grande poeta da revolução. O sentimento publico levantou-se contra o iconoclasta das glorias militares do primeiro im-



JOSÉ DE ALENCAR [Escriptor brasileiro fallecido em 13 de Dezembro de 1877]  
(segundo uma photographia de M. Fritz)



O REI ABSOLUTO

(Illustração de M. de Macedo, feita sobre o conto de Bento Moreno. — Vid. pag. 14)

perio, e Courbet teve de pagar em dinheiro de contado os destroços feitos no monumento levantado á memoria d'um conquistador feliz.

Póde alguém affirmar que o futuro não dê razão a Courbet contra as glorias do primeiro Napoleão?

Depois d'um homem, que se chama Michelet, ter pulverizado o vulto de Bonaparte na historia, é muito simples e muito natural desfazer o monumento que recorda as suas victorias no — bronze!

A chronica hoje transformou-se quasi n'uma immensa necrologia, mas, nós aqui, n'este extremo da Europa, devemos tambem uma palavra de respeito a esses nobres vultos, a esses batalhadores dedicados, que, em prol da dignidade humana, viveram combatendo, e souberam cair, luctando.

GUILHERME D'AZEVEDO.

## CORRESPONDENCIAS E AVISOS

O OCCIDENTE foi obsequiosamente brindado pelo distinctissimo photographo amator, o sr. Carlos Relvas, com uma primorosa collecção de photographias de belleza inexcelsível.

Agradecendo em seu nome e no do publico, a valiosa offerta, o OCCIDENTE irá, quando se lhe offereça ensejo, reproduzindo pela gravura aquelles magnificos typos de costumes e as esplendidas paizagens que na photographia attestam o merito sem competencia de tão notavel amator, que, d'uma forma tão distincta, sabe honrar a arte nacional.

Igualmente se recebeu uma esplendida collecção de photographias do distincto amator, o sr. Munró. Igual agradecimento, acompanhado d'um reconhecimento profundo.

— Ao sr. J. A. Z., que nos escreveu do Porto, lembrando-nos a publicação de varios edificios ainda não reproduzidos pela gravura, diremos que já n'este numero começamos a satisfazer aos seus desejos e aos do publico, dando a gravura da sala da camara dos pares.

— Ao anonymo que nos brindou com dois enigmas illustrados, temos a agradecer a sua offerta. São bellos e vão ser gravados, afim de, a seu tempo, verem a luz da publicidade.

— A administração do OCCIDENTE, desejando quanto caiba nas suas forças, corresponder ao grande favor com que esta Illustração tem sido recebida pelo publico, pede aos seus assignantes a queiram avisar de qualquer falta que porventura n'estes primeiros tempos haja na distribuição.

Ao mesmo tempo a Empresa agradece á imprensa do paiz e ao publico em geral, a benevolencia extrema com que tem acolhido o OCCIDENTE.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA  
6, Rua do Thezouro Velho, 6